

## Coxinha

Aquele sovaco fedendo. Azedando as minhas coxinhas de ontem. E eu sem poder e ter o que fazer. Quase tonta de sono e de cansaço e de nojo. Sacolejos, empurrões e lamentos silenciosos. Eu poderia mesmo pegar de jeito esse guarda-sol e jogar na cabeça de dois ou três aqui. Poderia respirar, enfim. Não preciso. E me paciento de novo. Dou ou não dou? Ei, psiu. Olho. É o cobrador que finalmente tem meu troco. Obrigada, sorrio. A gentileza não ajuda. Ô, moço, por favor, vire seu pezinho pra lá um pouco. Ele vira, mal humorado. Me encara, me ameaça. Não ligo. Mal vejo os letreiros da cidade, que tanto gosto de olhar. Mas gosto acesos, assim como agora. De dia é tudo apagado, chocho, murcho. De dia é tudo cinza e bege. E eu na beira do Tietê. As coxinhas fedendo. R\$ 1,20 com tang de uva ou maracujá. Tang é modo de falar; a marca é outra, mais barata. O pé o homem afastou, mas parece que quer encostar outra coisa. Sai pra lá, tribufu fedido, sou moça de família, honesta, trabalhadora, decente e católica. Pensei, não disse. Só me afastei como pude. Pela música, parece que a gente tá dez, vinte anos pra trás. Mas eu não acho ruim não. Só quem parece não gostar é aquela garota ali, do lado do motorista. Fala mais alto que a música, quer saber se o ponto da Saúde tá perto. Só se for a saúde dela, que parece ser de fora. Aqui, o pulmão da gente é de outro jeito. Dou ou não dou, afinal? Tem coxinha, Lilá? Tem sim, meu amor. Quer com tang? Quero. Esses pontinhos pretos a gente jura que são do óleo de fritar. Eu acho que é resto de vento, de ar sujo, fedido. O sol a gente só vê de verdade na novela, quando chega à noite. Durante o dia todo é só o nublado mesmo. Vem um, vem outro, e o tempo não muda. A não ser que chova. Até quando garoa, eu permaneço com meu isopor e minha vasilha. As coxinhas que sobram eu requeito no outro dia. Não tenho microondas. Peço para Juçara do cachorro-quente esquentar pra mim. E ela não conta aos fregueses. Veja isso aqui. Variz inflamada ou chute ou queda. Chegue pra lá um pouquinho, meu querido. E ele vai um tantinho assim, emburrado, raivoso. Desculpe, mas assim não respiro. E pensar que respirar agora é sufocar lá fora, naquele ar que é pouco e é quente e é abafado. As dores no peito eu já nem sinto, não tem jeito. Eu minto. Dói não, rapaz. Tenho força ainda. Trabalho todo santo dia. Os cabelos grudados são da gordura dos salgados. Vez em quando, quando canso, faço risole ou enrolado de salsicha. Volta quase tudo. Querem mesmo é a coxinha da Lilá. Às vezes volto com duas, três, quatro. Às vezes dez. Às vezes nenhuma. Nem dá pra saber. Eu vendo as coxinhas e o tang. Também tem refrigerante no isopor e água. Mas esses quase não saem. A argentina vende café colombiano. Ela que diz. Muitos compram coxinha de mim e café dela.

Dispensam o meu tang e dela a broa amarela. Assim a gente se completa, se ajeita. Já não sou tão jovem e nunca fui bonita, mas continuam querendo é a coxinha. E seu Jorge não cansa, todo dia. Uma confiança que nem sei. Às vezes compra até três, trabalha ali pertinho. E isso aqui apertado, sinto censurado até meu pensamento. Travo. Hoje pediu meu telefone, mas não levou coxinha. Dou ou não dou? Talvez desse se tivesse. Amanhã, enrolo ele de novo. Tem duas coxinhas ainda aqui. Mas bem se vê que nem de hoje são. Elas não, não tenho coragem. Vou fazer novinhas nessa madrugada. Seu Jorge, coitado, é homem limpo, asseado. Merece coxinha melhor.